

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA EDUCAÇÃO E CULTURA
CENTRO DE PESQUISAS E ORIENTAÇÃO EDUCACIONAIS
E DE EXECUÇÃO ESPECIALIZADA
DIVISÃO DE ORIENTAÇÃO -SERVIÇO DE ENSINO
EQUIPE DE PSICOLOGIA

Subsídio nº 1/70.

Pôrto Alegre, 7 de janeiro de 1970.

INSTITUTO DE EDUCAÇÃO "GEN. FLÔRES DA CUNHA"

DIVISÃO DE PSICOLOGIA

OBSERVAÇÃO: CAMINHO PARA A COMPREENSÃO

Emboia procuremos ser objetivos em nossas observações , nos deparamos com o limite de nossa própria capacidade de perceber , relembrar e relatar completa e exatamente.

Nossas experiências anteriores determinam inerentemente as características de nossas observações. " O que vemos é em parte o que há. É também em parte o que somos".

A observação é uma tentativa de traduzir certo aspecto / do mundo físico, numa linguagem. É um relato.

A observação pode ser verdadeira ou falsa. A sentença / que constitui uma observação faz sempre " declaração de fatos" - é fácil escorregar da observação para a interpretação ou avaliação.

Pensando em oferecer ao Professor elementos mais seguros para a observação, mostraremos como se desenvolveu, nos Estados Uni - dos, um trabalho num grupo de estudos, sob orientação de um consultor da Comissão de Educação do Professor, que procurou provocar mudanças nos professôres, em três aspectos:

- 1ª - quebrar o hábito de fazer julgamento apressado sô - bre as ações das crianças;
- 2ª - estabelecer o hábito de observar exatamente o que a criança faz;
- 3ª - aprender a registrar descrições claras do que a criança fez e a situação em que agiu.

.

.....

O grupo desenvolveu estudos em tórno do registro cumulativo que até então tinha sido muito trabalhoso e pouco útil para maior compreensão das crianças. Escolheram uma secção dos registros: "atitude e comportamento social da criança", utilizando como ponto de partida as observações de vários professôres sôbre um aluno, Ernesto.

O consultor foi solicitado para analisar, interpretar e criticar o registro de Ernesto. A título de ilustração e para tornar bem claro o nosso trabalho, reproduziremos parte da análise realizada:

OBSERVAÇÕES DOS PROFESSÔRES

COMENTÁRIOS DO CONSULTOR

2ª série

É uma criança muito estranha. Tem deficiências de visão e audição. Ajusta-se mal a outras crianças.

Como? O que faz êle para demonstrar isso? Cite casos específicos. Demasiado geral para significar algo.

Não se pode confiar nêle.

Novamente, como? Que deveria êle ter feito que não fêz?

Não é capaz de assumir qualquer responsabilidade.

Muito geral. Que responsabilidade / tentou-se dar-lhe? Em que êle falhou?

Faz coisas mesquinhas. Briga muito com outras crianças. Abaixo da média em todos os trabalhos.

Que faz êle?
Quais os motivos da briga?
A afirmação é demasiado geral.

Muito vagaroso em tudo o que faz.

É uma indicação; revela algo sôbre a personalidade que é muito importante conhecer.

3ª série

Ernesto revela, às vêzes, uma profunda atitude de consideração.

Como? Em que ocasiões? Isto mostra que êle não é de todo mau. Em seu / 3º ano de estudo é a 1ª observação que mostra que êle tenta fazer certas coisas. Que coisas são estas? O registro não esclarece.

.....

4ª série

Ernesto faz coisas mesquinhas. Quebrou velas feitas por outras crianças.

Isto é um pouco específico, mas ainda não basta. Estava despeitado por terem os outros feito bonitas velas e ele não? Talvez ele goste da professora e ela não satisfaga sua necessidade de afeição. Talvez estivesse com inveja porque as velas bonitas, feitas por outras crianças, eram elogiadas e a dele não.

Talvez houvesse um sentimento de se vingar de meninos que o irritaram em outras ocasiões. Portanto, precisamos registrar "exatamente o que aconteceu" a fim de descobrir de onde se originou o comportamento:

- 1 - de uma situação na escola?
- 2 - uma condição externa?
- 3 - de uma condição física?
(algo intrínseco à sua natureza?).

Deseja trabalhar, mas não se ajusta aos outros.

É necessário contar casos específicos sobre em que situações ele não se ajusta a outros.

5ª série

Não permanece muito tempo em nenhuma atividade.

Não permanece em que atividade? Deve haver coisas em que ele se concentre. São as coisas que a professora pede, as que ele não faz? Talvez esteja desinteressado. Especifique as coisas que ele não concluiu.

Pode ser convencido por meio de argumentação, até certo ponto.

Isto já indica um pouco mais. Vamos, novamente, que ele não é de todo "mau". Há crianças com as quais não se pode argumentar.

Procura aborrecimentos e em geral os encontra.

Isto já elucida mais um pouco , mas não é bastante. Cite que aborrecimentos êle provocou. Talvez haja um círculo vicioso. Êle é irritado pelos outros e bate/nêles? Êles o irritaram de nôvo e retribuem as pancadas?

Muitas vêzes êle é culpado das brigas de que participa.

Estas podem ter tido origem nos problemas existentes entre / Ernesto e as outras crianças. Mas atitudes poderiam ter sido a causa.

A turma tentou ajudá-lo durante o ano todo. Foi levado ao conselho várias vêzes, para ser auxiliado.

Uma ida ao Conselho, pode ser / útil, se existe por parte do grupo uma atitude sincera para com Ernesto e não se quer ofendê-lo. É preciso ser tolerante, enquanto êle procura vencer os maus hábitos. Dar-lhe conselhos de pois de o haverem irritado de nada adiantará e poderá mesmo / causar um grande mal. Os professores devem agir profissionalmente e ouvir sem tomar partido. Se, depois de todos os fatos serem explicados, concluir-se que a culpa é realmente de Ernesto e o grupo sentir sinceramente / isto, sem parcialidade, será bom deixar Ernesto sentir desaprovacão do grupo. Um caso pode ser usado, por vêzes, para ajudar o grupo a distinguir entre o que é certo e o que é errado, mas não devemos prejudicar Ernesto para educar o grupo.

A decisão sôbre o caminho certo a tomar dependerá muito do professor sentir, em face do conjunto dos fatos ocorridos que influência teria sua atuação / sôbre o menino e sôbre o grupo.

Teve de ser castigado e surtiu efeito. Procurou comportar-se melhor.

Qual o efeito que teve sobre / êle o castigo? O professor deverá procurar responder a isto. Levou Ernesto a conformar-se / aos desejos do professor? Levou-o a brigar menos? O professor pode ser bem sucedido em mudar aparências externas, mas não os pensamentos e sentimentos da criança. Pode haver necessidade de castigo, mas ela deverá ser pesada cuidadosamente. A desaprovação do grupo é um castigo, se ela é honesta, e não uma atitude artificial, baseada em que " o professor / espera que tomemos esta atitude.

De certo modo Ernesto é uma / criança comovente.

Isto mostra que Ernesto parecia tentar e, embora não conseguisse grande coisa, êle não era de todo mau. Se o professor chegava a sentir simpatia por êle, é bom sinal.

Parece ter baixa capacidade mental.

O professor não deveria ousar fazer tal afirmação. Deveria verificar o QI de Ernesto, seu nível de trabalho e dar indicações sobre sua capacidade de raciocínio. Não fazer generalizações.

Os colegas zombavam muitas vezes de Ernesto, porque êle não ouvia bem. Agora já não sucede isso.

Melhorou a situação depois de conversar com as crianças. Isto é uma clara indicação de problemas. Essa dificuldade / por si só teria levado Ernesto a sentir que os outros estavam contra êle. Se o grupo mudou isto indica que o aceitaram e que não estão contra êle, e, assim, fica afastada uma das dificuldades.

Ernesto melhorou ao lhe serem atribuídas responsabilidades. Foi nomeado monitor e ficou / muito satisfeito.

Isto mostra novamente que êle foi aceito pelo grupo, caso / contrário teria experimentado dificuldades nessa tarefa. Demonstra a compreensão e boa / vontade do professor em trabalhar com Ernesto, o que é indispensável se deseja obter algum resultado.

Toma parte em toda espécie de atividade e vai regularmente / bem.

Temos aqui demonstração de algum progresso. O fato deve ser analisado em suas causas. Será o que se está passando na escola? Haverá mudança de atitude por parte do grupo? Mostra que as crianças tendo compreendido o problema de surdez de Ernesto o estarão ajudando? Estará o professor se tornando mais / paciente à proporção que observa o comportamento de Ernesto, e começando a alcançar uma melhor compreensão?

Esta análise surpreendeu e chocou os professores que perceberam terem passado, ano após ano, fazendo julgamento baseado em poucos dados concretos. Haviam descrito mais a sua própria forma de reagir com o menino do que o comportamento dêle. Examinando outros registros, concluíram que a maioria das observações eram generalizações vazias e inúteis.

Decidiram, então, selecionar em suas turmas 1 ou 2 crianças para objeto de estudo especial, durante o ano. A tendência foi escolher crianças que davam mais trabalho ou representavam problemas mais ou menos sérios. O consultor aconselhou escolhessem uma criança bem ajustada, para obterem um estudo do que uma criança média enfrenta no decorrer do desenvolvimento. A outra criança poderia apresentar problemas.

Decidiram fazer 2 ou 3 relatos semanais, de cada criança. Fariam descrições breves do que a criança fez ou disse exatamente e da situação que havia levado ao comentário. Seriam necessárias, também, muitas informações suplementares sobre a criança.

como base para uma interpretação válida dos relatos.

Era mais fácil planejar do que realizar. "Hábitos mentais enraizados só podem ser transformados futuramente". Por isso de modo geral, os professores continuaram a descrever aquilo que eles apreciavam nas crianças que estavam observando.

Freqüentemente, incluíam interpretações e apreciações. Isto pode ser verificado no seguinte exemplo:

"Luís é uma criança das mais agradáveis da turma. É amável e atende ao que se lhe pede. Gosta de implicar e, às vezes ultrapassa as medidas, mas é fácil perdoá-lo por causa de sua boa disposição e atitude. Às vezes, é um pouco teimoso, mas está sempre pronto a retratar-se, a admitir que agiu mal e a pedir desculpas. Por exemplo, certa vez, no recreio, ele tratou mal a professora. Procurei chamar-lhe a atenção, mas ele não quis ouvir-me. Mais tarde, nesse dia, ele pediu licença para ir falar com essa professora e lhe pediu desculpas. Voltou dizendo: "agora, me sinto melhor". Esta é sua atitude usual.

O professor, ao registrar que "Luís é uma das crianças mais agradáveis da turma, é amável e atende ao que se lhe pede ..." estava expressando o que ele sentia em relação à criança, embora não fôsse essa sua intenção. Outro hábito revelado nas anotações foi o de julgar as personalidades das crianças como sendo caracterizadas por um único traço predominante ou um só modo de comportar-se, rotulando-as sob um tipo de comportamento.

Esse hábito impede o professor de uma observação apurada das interações entre as necessidades infantis e as pressões exercidas pelas situações concretas e que são a base real do comportamento.

Esse hábito também transparece no registro sobre Luís quando diz: "atende ao que se lhe pede... é fácil perdoá-lo por sua boa disposição e atitude... está sempre disposto a retratar-se, a admitir que agiu mal e a pedir desculpas... Esta é sua atitude usual".

Um terceiro hábito encontrado entre esses professores foi o de apresentar uma imediata explicação do comportamento, sem ter reunido um conjunto suficiente de fatos e sem ver quais os princípios psicológicos que poderiam aí estar implícitos, de modo a obter hipóteses válidas para o trabalho com a criança. Tomemos como exemplo o seguinte registro: "Carlos ...freqüentemente dá mostras de cólera e mau gênio. Penso que seja por sentir-se abandonado ou por não conseguir chegar ao nível que a maioria da turma alcança.

Reconhecemos que os professores estão em constante contato com as crianças em situações ativas e a natureza do trabalho os leve a formar juízos sobre o comportamento das crianças à base de interpretações. Entretanto, uma coisa é tomar decisões imediatas no início das aulas, para melhor organização de grupos e de atividades e outra coisa é continuar indefinidamente a aceitar as primeiras hipóteses como fatos estabelecidos. As interpretações iniciais devem sempre ser revistas. É preciso que aprendam a manter em suspense as conclusões "finais" sobre as atitudes das crianças, até que possam basear seus julgamentos em fatos que possibilitem uma certa validade científica.

Do estudo de centenas de registros, os professores puderam distinguir, 4 tipos de registros:

1. Registros apreciativos - relatos que avaliam ou julgam o comportamento da criança como bom ou mau, desejável ou indesejável, aceitável ou inaceitável. Exemplo: "Júlio falou muito e gritando durante a aula de poesia; fez e disse o que bem entendeu sem considerar o trabalho que se estava desenvolvendo. Tive que sentá-lo ao meu lado. Mostrou má atitude com relação a esse fato".

2. Registros interpretativos - relatos que justificam ou explicam o comportamento da criança, comumente na base de um único fato ou tese. Exemplo: "Nesta última semana Saul tem estado um perfeito "bicho carpinteiro".

Ele está crescendo tão depressa que não consegue ficar sossegado... Naturalmente as transformações internas que estão ocorrendo causam esta inquietação".

3. Registros de descrição generalizada - relatos que descrevem determinado comportamento em termos gerais, como se se repetissem frequentemente ou como caracterizando a criança. Exemplo: "Saul está terrivelmente agitado por estes dias. Fica murmurando o tempo todo em que não está ocupado. No círculo, durante várias discussões, embora ele esteja interessado, seus braços ficam em movimento ou ele fica batendo em quem estiver sentado perto dele. Sorri quando lhe falo a respeito".

4. Registros descritivos específicos ou concretos - relatos que revelam exatamente o que a criança fez ou disse, que descrevem concretamente a situação na qual a ação ou o comentário ocorreu e que contam claramente o que as outras pessoas envolvidas na situação, também, fizeram ou disseram. Exemplo: "O tempo estava tão horrivelmente frio que nós não fomos ao pátio, hoje".

As crianças brincaram de jogos de sala durante o período normal - de recreio. André e Paulo escolhiam grupos para uma brincadeira - que é conhecida como "jôgo de música". Eu estava falando a um grupo de crianças na frente da sala, enquanto se processava a escolha e, em certo momento, ouvi uma forte discussão. Paulo dizia que tôdas as crianças queriam ficar no lado de André e não do lado dele. André observou: "Não tenho culpa se todos êles querem ficar - do meu lado".

São muito comuns, registros mistos que, alternadamente, descrevem, interpretam e apreciam.

Com o trabalho realizado os professôres aprendiam a incluir, cada vez mais em seus relatos descrições específicas, evitando apreciações e interpretações imediatas.

Os professôres gradualmente aumentavam sua simpatia e empatia para com as crianças que vinham estudando. Essa tendência a identificar-se com a criança e a sentir como ela se sente - em dada situação é fator importante para levar o professor a aceitá-la emocionalmente.

A obrigação de fazer registros levou os professôres, dia a dia, a observar o comportamento e sentimento das crianças - tanto em relação à situação de classe como quanto às atividades - próprias de sua idade. Foi êsse contato diário contínuo e sensível com as crianças que, com o tempo, deu aos professôres um sentido realista a respeito do processo de crescimento.

Reproduziremos, a seguir, alguns exemplos de registros considerados excelentes, para melhor ilustrar êste trabalho:

1. "Olga (13 anos) chegou hoje transtornada. Disse ela: Temos que mudar esta semana. Os funcionários da Companhia - disseram que temos que entregar a casa em que moramos porque é para ser usada pelo superintendente da fábrica. Quando papai era vivo e trabalhava na fábrica podíamos morar lá, mas agora não".

2. "Durante o período de trabalho, Paulo (11 anos) chegou-se a mim e, enquanto recortava uma hélice para avião, perguntou: "Dona Helena, como podemos levar alguém a ter confiança - em nós?".

Citei-lhe diversas maneiras de fazê-lo com exemplos concretos e, então, lhe perguntei: - Você se refere a algum amigo? "Sim senhora, um menino que não gosta de mim, mas eu gosto -

dêle". "Ele é desta turma?" "Não senhora, êle está em outra classe". Conversamos um pouco sôbre o assunto e êle me perguntou se eu emprestaria dinheiro ao menino para ganhar-lhe a amizade. Fui contra a idéia, disse-lhe que havia muitos meios de conquistar amizades e sugeri alguns".

3. "No recreio, ouvi Regina dizer: "Você não acha Roberto (10 anos) feio?"

Susana respondeu: _ "Ora, todo mundo acha".

Não sei se Roberto ouviu algum comentário sôbre sua aparência. Estávamos preparando uma representação _ Roberto sugeriu que êle e outro menino fizessem o papel de comediantes pintados de preto. Eles representaram bem.

4. "Jaime (12 anos) demonstrou, hoje, uma evidente preferência por Dora. Pediu para ajudar a comissão dela a colocar as cortinas. Disse que "as meninas dificilmente sabem colocar os suportes de cortinas retps, como devem ser". Pintou um desenho com Dora. Disse-me que êle poderia aprender um pouco melhor se pintasse com uma artista como Dora. Eu não estava tão certa disso. Ele gostou especialmente de nosso período de apreciação musical. Pediu para comentar as músicas românticas. Quando Luís pediu "Atirei um pau no gato", êle disse: "Ora, pára de pedir essas músicas infantis".

Estes registros são especialmente bons porque descrevem muito bem acontecimentos significativos. Além do mais, êles transmitem bastante as próprias palavras das crianças. Relatam tanto o que foi feito, como o que foi dito. Chega-se quase a ouvir as crianças a falarem e vê-las em ação. Consideramos esta uma característica importante de um bom registro. Para sermos exatos êses registros de fatos apresentam aqui e ali o comentário pessoal do observador sôbre a situação ou a interpretação de alguma ação como por exemplo: "Olga chegou hoje transtornada", ou "Jaime demonstrou hoje uma evidente preferência por Dora". A questão de se considerar essa observação desejável ou não dependerá realmente de serem elas profundas e válidas. Se os diagnósticos dos professores são certos, então, aparecendo como acontece no início do registro, esses comentários dirigem a atenção do leitor para significância do que se segue. Entretanto, por serem raros os diagnósticos tão fáceis relativamente, como acontece nos exemplos acima, advertimos contra o cultivo do hábito de incluir, demasiadamente, anotações -

interpretativas.

Outra razão pela qual consideramos bons estes registros é o fato de sugerirem muitas hipóteses importantes sobre as crianças que descrevem. Por exemplo: Olga revela que a morte de seu pai acarreta queda de posição social por ser a família obrigada a mudar-se da casa do superintendente, Paulo está embaraçado com o problema de conquistar amizades. Os comentários das duas meninas sobre a aparência pessoal de Roberto levanta a dúvida sobre se o menino é sensível a isto, o que encontra resposta mais adiante em sua hábil sugestão de representar um comediante pintado de preto, encobrendo desse modo a aparência desfavorável e, ainda assim, encontrando um caminho para desempenhar um importante papel social. Jaime procura, como um jovem adolescente, característico, esconder suas preocupações, explicando que as meninas dificilmente sabem colocar os suportes das cortinas retos" e que poderia aprender a pintar melhor se trabalhasse juntamente com um perito, mas denuncia-se ao insistir com outro menino que "pare de pedir essas músicas infantis".

Acreditamos que este trabalho, utilizado de forma consciente e objetiva pelos professores, poderá representar recurso de grande valia para o estudo e compreensão da criança, favorecendo assim um melhor manejo da classe.

Referência Bibliográfica:

BERLO, David K. - O processo da comunicação - São Paulo - Ed. Fundo de Cultura - 1963.

American Council on Education - Helping Teachers understand children - Washington D.C. - 1945 - Traduzido por Eva Bezerewski.

Texto adaptado por:

VALQUIRIA ROBLES BARBIERI

/lk. 70

/dgs. 70